



Daniela Aquino Camargo
Mestre em Artes Cênicas – PPGAC/UFRGS
Docente Temporária do Curso de Dança – Licenciatura UFPEL
GT Teorias do Espetáculo e da Recepção

RESUMO

Memória da verdade fictícia na Experiência de Consulta Médica Encenada

O presente artigo trata de um aspecto desenvolvido na minha dissertação de mestrado, que tem como tema Consulta Médica Encenada, a partir do encontro entre teatro e a especialidade de Medicina de Saúde e Comunidade no Projeto de Habilidades de Comunicação do Departamento de Medicina Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. No artigo discorro sobre a importância da memória fictícia para a criação da personagem Soraya, que atuava nas Consultas com estudantes de medicina ou médicos. A criação de um contexto e a compreensão das circunstâncias dadas por parte do ator é uma exigência real, dessa forma o ator acredita no que está fazendo, proporcionando ao espectador também experimentar essa sensação. A ficção análoga à realidade é também importante para sentir e criar o cenário da verdade e da fé cênica. A cada nova Consulta é necessária a recriação de um contexto, mantendo a história inicial de Soraya, mas preparada para novas possibilidades de conexões na relação peculiar entre paciente e médico. Para tanto é importante manter o corpo-mente vivo, para que não haja contradições entre as ações e o pensamento-vivo do ator.

Palavras-chaves: teatro – medicina social – memória fictícia – fé cênica

ABSTRACT

Memory of fictional truth in the Experience of Staged Medical Consultation

The current article deals with an aspect researched in my master's dissertation, whose issue is the Staged Medical Consultation, parting from the connection between theater and the specialty of Medicine of Health and Community in the Project called Abilities of Communication of the Department of Social Medicine of Federal University of Rio Grande do Sul. In this article I discuss about the importance of the fictional memory to the creation of the character Soraya, who

acted in Medical Consultations with medicine students or physicians. The creation of a context and the understanding of the circumstances given by the actor is a real exigency. Thus, the actor believes in what he is doing, providing the spectator with experiencing also this sensation. The fiction analogous to reality is also important to feel and create the stage setting of truth and stage faith. In every new Consultation it is necessary the recreation of a context, keeping Soraya's initial story, but prepared to new possibilities of connections in the peculiar relationship between patient and physician. Thereto, it is important to maintain the body-mind alive, so that there will be not contractions between the actions and the actor's living-thought.

Key-words: theater – social medicine – fictional memory – stage faith.

No filme “Tudo sobre minha mãe”, o cineasta espanhol Pedro Almodóvar nos propõe um jogo de realidade e ficção convivendo na mesma fábula. Mesmo não sendo uma história verídica, Almodóvar realmente quis homenagear sua mãe, falar de como aprendeu com ela, ainda que ambos não se dessem conta disso. Em virtude do falecimento de sua mãe, o cineasta escreve um artigo em que afirma: “aprendi algo de essencial para o meu trabalho, a diferença entre ficção e realidade, e como a realidade precisa ser completada pela ficção para tornar a vida mais fácil.” Inspirada no livro “Conversas com Almodóvar”, de Frederic Strauss, sinto-me autorizada a narrar e refletir sobre a minha experiência cênica de Consulta Encenada, que agora é reprocessada na escrita, de forma semelhante como o livro foi construído, isto é, minhas questões são abordadas e esmiuçadas em entrevistas, realizadas com atores e médicos envolvidos na pesquisa.

Voltando a referir-me ao filme, nele a atriz Cecília Roth vive a personagem Manuela, enfermeira em um hospital de Madrid. Ela participa de um Programa de Simulação de Consulta Médica, em que são desenvolvidas estratégias de como conversar com um parente de um paciente com diagnóstico de morte cerebral a fim de convencê-lo a doar os órgãos do falecido, o que ocorre em um momento-limite e delicado.

Manuela, que já fora atriz em Barcelona, alguns anos atrás, vivencia na simulação uma mãe que perdeu seu filho e que tem, diante dela, médicos que lhe propõem a doação de órgãos. Esta conversa é gravada e transmitida em tempo real para uma junta médica que avalia o desempenho dos médicos.

O filme segue...Manuela vai ao teatro com seu filho, é noite de seu aniversário. Em busca de um autógrafa da protagonista, vivida pela atriz Marisa Paredes, o rapaz é atropelado e levado ao hospital. Após o acidente, a ação volta para o local em que Manuela viveu a situação de simulação. Ela está sentada em um corredor do hospital, aguardando informações sobre o estado de saúde do filho. Manuela vê se aproximarem dois médicos, os mesmos com quem ela havia participado da situação simulada, pela manhã. Eles tentam falar com ela em pé, respiram... Ambos puxam as cadeiras ao mesmo tempo, e sentam-se à sua frente. A notícia que eles têm para dar à Manuela é a mesma da manhã, porém todos estão agora vivendo uma situação-limite real. As suas ações e reações condizem justamente com a circunstância dada anteriormente: o filho de Manuela está com morte cerebral constatada. Cabe a ela decidir se doa ou não seus órgãos.

Esta é uma situação muito semelhante a do filme que vive Soraya. Como personagem, ela existe há nove anos. Nasceu dentro do Projeto de Habilidades de Comunicação do Departamento de Medicina Social, onde vivi, assim como a Enfermeira Manuela, no filme de Almodóvar, inúmeras situações de Consulta Médicas Simuladas, as quais hoje chamo de Consulta Encenada.

No início do Projeto de Habilidades, eu era estudante de Bacharelado em Artes Cênicas no Departamento de Arte Dramática da UFRGS, e tinha 24 anos na época. Para criar a caracterização de Soraya, no início, “pesei a mão” na maquiagem, marcando olheiras profundas, umas ruguinhas aparecendo, roupa muito sóbria, enfim, exageros premeditados a fim de que aparentasse ter 33 anos de idade. Neste momento da presente pesquisa, em que tenho 33 anos, quase não uso mais maquiagem quando vou me caracterizar como Soraya, afinal de contas, algumas ruguinhas já estão ali, naturais, bem como

as olheiras e certa tristeza natural da vida. Estamos mais próximas do que nunca.

Assim como a mãe vivida pela Enfermeira Manuela, Soraya também experimenta a experiência de receber a mesma notícia difícil a cada nova Consulta Encenada. Diferentemente de Manuela, ela não tem uma história inteira para ser mostrada, e sua história acontece no real momento da ação, ou seja, durante a Consulta. É ali que ela se atualiza, que se recria, se (re) constrói.

É Soraya meu nome. Tenho 33 anos, sou casada e tenho dois meninos. Minha mãe era evangélica e resolvi seguir sendo também. A minha Igreja é a Assembléia de Deus.

Não sou de ficar falando. Guardo muito as coisas para mim. Às vezes conto para a Ana, a minha vizinha, ou para a Alice minha comadre que não mora mais aqui. Sinto falta dela.

Foi a Alice que me mostrou um filme uma vez, um filme que tinha médicos, hospital, teatro e uma mãe que perdia o filho. Chorei muito.

Acho que filho não tem que morrer antes dos pais. Não é certo. Nesse filme tinha uma moça, era que perdeu o filho, bonita ela até, achei sofrida também. Quando ela foi consultar a primeira vez não era ela. Era, mas como se fosse outra pessoa,

como é que eu vou dizer, ela se passava por outra mãe. Eu só entendi depois. Daí depois era ela mesma, os doutores eram os mesmos também.

Ela chorou muito, muito mesmo, mais do que a primeira vez. Daí a Alice me falou que era de verdade agora. Eu achei que os doutores estavam sem fato dessa vez. Mas não era filme? Só que antes eles estavam fazendo que era como se fosse mesmo. Depois foi.

Trata-se de um estudo peculiar, em que a composição da personagem e o jogo com o médico no contexto da Consulta Encenada configura-se como um estudo, em que procuro compreender, explorar e descrever acontecimentos e contextos complexos, nos quais estão simultaneamente envolvidos diversos fatores. Dessa forma, proponho um diálogo entre teatro e medicina e aproximo-me dos estudos realizados por Stanislavski e Grotowski para analisar o trabalho criativo do ator no Projeto de Habilidades de Comunicação. Dentre os aspectos estudados pelos dois autores, elegi principalmente os que tratam de conceitos como fé cênica, criação e experiência, contato e atualização da memória, e o jogo da cena. As relações entre a investigação do trabalho do ator na Consulta Encenada com o pensamento dos dois autores apresentam-se ao longo do texto. Para falar mais generalizadamente sobre o jogo, busquei fundamentos no historiador e filósofo holandês Johan Huizinga, que identificou a essência do humano através do lúdico em sua obra “Homo Ludens”.

Segundo Ruffini (1995), para Stanislavski não havia regras fixas no trabalho de construção de personagem; ele defendia que cada um deve ter o seu método, ou seja, cada um deve ser fiel à sua própria natureza, à sua condição humana. *“Todo artista deve ser para si mesmo un régisseur”*. (Stanislavski, 1977:201). A organicidade a que ele se refere pode ser entendida como necessária, a ação é justa, não há excessos, tudo está em seu devido lugar.

A criação de contexto e a compreensão das circunstâncias dadas por parte do ator são muito importantes, como se fossem uma exigência real, e, dessa forma, o ator acredita no que está fazendo, proporcionando ao espectador que também experimente essa sensação. O “se” mágico a que Stanislavski se refere (1980:182), que proporciona ascender a ficção análoga à realidade, é também importante para sentir-se e se criar o cenário da verdade e da fé cênica. A cada nova Consulta é necessária a recriação de um contexto, mantendo a história inicial de Soraya, mas preparada para novas possibilidades de conexões. Um exemplo de novas possibilidades é, por exemplo, responder a uma nova pergunta, nunca feita nos ensaios com os professores, e manter-se fiel à história de vida da personagem.

Ainda segundo Ruffini, Stanislavski recorria a *perezhivanie*, ou experiência para a cena, tornando-a complexa e dinâmica, como, por exemplo, a utilização de uma memória corporal estar justa no contexto da cena, ou seja, ela deve ser reavivada constantemente. Neste método, ele também propunha o contraste extremo das emoções, o que denominou “método de dilatar paixões”. Ele defendia que o ator deve manter o seu instrumento de trabalho sempre bem afinado, assim como um instrumento musical, amplificando-se a organicidade cotidiana no palco.

Quando perguntado sobre qual a função do corpo-mente orgânico na interpretação do papel, Stanislavski nos diz que é condição fundamental para dar sentido à personagem. Quando questionado sobre a condição da verdade em cena, ele respondeu: “A condição básica é fazer-nos acreditar no que está sendo feito em cena”. Para tanto, a imaginação criativa do ator deve ser sempre treinada, sem que se perca a ingenuidade; os sentimentos devem ser verdadeiros no seu corpo e na sua alma. Stanislavski convencionou chamar de “sentido da verdade” as capacidades do artista de jogar com a imaginação e criar a fé criadora”. (1989: 418).

A tentativa de tornar Soraya real, verdadeira, orgânica se dá a cada nova Consulta, desde a sua caracterização, a sua expressão, o seu andar, os seus gestos e as suas ações externas e internas. A busca do sentido para a cena se dá na relação entre Soraya e o médico que está do outro lado; para que este médico acredite se tratar de uma paciente real, Soraya precisa estar organicamente em cena, da mesma maneira que se mostra na escrita, através de cartas. Mesmo que a situação não seja real, no sentido em que os pacientes são personagens, as estratégias do ator em cena podem ser capazes de fazer com que o médico crie uma empatia com a personagem e envolva-se na história, como é possível identificar nas falas dos entrevistados, como no exemplo abaixo em que uma das médicas que participou da experiência responde uma carta de Soraya.

Porto Alegre, 05 de novembro de 2009.

Prezada Doutora,

Espero que esteja tudo bem com a senhora, com a sua saúde e o seu trabalho. A senhora está atendendo em algum Posto? Fiquei sabendo que a senhora está em Porto Alegre e resolvi lhe escrever. A senhora está lembrada de mim? Eu nunca esqueço da senhora. Tem umas coisas que são muito boas e ficam na lembrança da gente.

Quem me deu o seu endereço foi a Daniela, que fez uma entrevista com a senhora, por causa dos estudos dela. Já lembrada? Queria muito saber se a senhora lembra da nossa consulta. Eu lembro que pensei como era meio tão jovem pode ser doutora? A senhora era estudante, já quase uma doutora, certo?

A senhora lembra da notícia que me deu? Foi um momento difícil para mim, talvez até para a senhora também tenha sido um achô. Sou meio difícil de falar mesmo, às vezes as coisas ficam torcadas no meu peito mas lembro que consegui até sorrir um pouco naquela vez.

Deve ter sido uma situação cabeluda para a senhora lidar. Pode me contar um pouco como foi? A Daniela acha que o que a gente lembrar da consulta pode ajudar ela. A senhora vai me responder? Seria uma honra. Um dia queria encontrar a senhora de novo. Lhe agradeço pela atenção. Fique com Deus.

Um abraço grande.

Soraya.

Ruíf, 02 de dezembro de 2009

Cara Sonaya,

Infelizmente sua carta chegou em um momento em que eu não estou tão bem de saúde... No dia 20 de novembro fui internada em um hospital com uma doença chamada PANCREATITE AGUDA. É uma inflamação num órgão que temos chamado pâncreas, que é muito importante, apesar de um pouco desconhecido... Pânico muito mal e precisei ficar 7 dias sem comer ou beber nada, pra tentar poupar o trabalho deste órgão, que faz parte do nosso sistema digestivo.

Enfim, tive alta, mas ainda estou fazendo exames, pois não conseguimos ainda detectar a causa da doença. Também não posso comer tudo, estou com a alimentação bastante limitada...

Tudo isso pra me desculpar por não ter respondido à sua carta mais prontamente.

Se me lembro de você? Como poderia esquecer? Você faz parte de um momento muito especial da minha vida, rico em aprendizado. Lembro que foi a 1ª vez na minha vida em que dei o diagnóstico de SIDA / AIDS a um paciente. E lembro de como fiquei ansiosa por ter esta irresponsabilidade! Que bom que você reagiu bem e que me ajudou a não ter uma crise de choro bem na sua frente!! Eu acho que não somos preparados, enquanto médicos, a lidar com situações como estas... Este aprendizado a gente vai ter tudo com a nossa própria prática, com as situações da "vida real" que se apresentam dia após dia... E aprendemos com nossos erros e nossos acertos.

Eu fico feliz que você esteja se cuidando e vivendo sua vida normalmente. Você contou pra o seu marido? É importante que ele também faça o exame e que procure ajuda para se cuidar...

Hoje eu trabalho numa unidade de saúde da família (PSF) de um bairro aqui do Ruíf. Sou funcionária de Prefeitura. Na verdade, eu estudei para fazer este trabalho - fiz residência médica em Medicina de Família e Comunidade. Gosto muito do que faço, apesar das grandes limitações que este trabalho possui. Explico: →

Quando um médico trabalha numa emergência hospitalar, a resposta a seu trabalho é mais rápida (um paciente está com dor; damos um remédio para a dor, um paciente está com uma crise alérgica; damos um remédio e a crise passa). Numa unidade de saúde da família a resposta ao nosso trabalho existe e é linda de se ver, mas a maioria das vezes esta resposta é mais demorada e tantas vezes limitada por fatores que independem de um bom diagnóstico ou um bom remédio: a pobreza, o desemprego, a falta de esgoto, o pouco acesso à educação (que se traduz na falta de higiene, o alcoolismo, etc) ... Mas eu gosto muito, mesmo com todas estas dificuldades. Eu gosto de visitar as pessoas e de poder contribuir de alguma forma para que elas se sintam melhor. Eu gosto de conviver, saber das histórias de vida, de aprender com elas (na coragem, na força de vontade, na fé, na disponibilidade para enfrentar os desafios da vida). E isso me fez feliz.

É isso, querida. Terminei escrevendo demais, não é?

Espero que esta carta te encontre bem. Ter SIDA/AIDS nos dias de hoje é melhor do que há alguns anos passados. Com um bom acompanhamento, usando as medicações diárias, alimentando-se bem e cuidando de exercitar o corpo, tomar sol, as pessoas podem viver com boa qualidade de vida por muito tempo. Por isso, tenha coragem e todo super, que a vida vale muito a pena!

Um abraço com afeto,

Carla

REFERÊNCIAS

GROTOWSKI, Jerzy. **Em busca de um teatro pobre**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 1987. 3ª edição

_____. **Máscara**. Número especial de homenaje. Números 11 – 12. 1996.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**. São Paulo: Perspectiva. 1980.

RUFFINI, Franco. **Sistema de Stanislavski. A arte secreta do ator: Dicionário de Antropologia Teatral**. Campinas: Editora HUCITEC Editora da UNICAMP. 1995

STANISLAVSKI, Constantin. **El trabajo del actor sobre si mismo El trabajo sobre si mismo en el proceso creador de las vivencias**. Buenos Aires: Quetzal, 1980.

_____. **El trabajo del actor sobre si mismo El trabajo sobre si mismo en el proceso creador de la encarnación**. Buenos Aires: Quetzal, 1983.

_____. **El trabajo del actor sobre su papel**. Buenos Aires: Quetzal, 1977.